

(Há quarenta anos o Concílio Vaticano II: uma longa caminhada.)

Quando em 25 de Janeiro de 1959 na Basílica de S. Paulo em Roma Papa João XXIII disse que queria reunir um Concílio Ecuménico, não acreditávamos aos nossos ouvidos. Apanhou a todos de surpresa. ...E foi uma autêntica surpresa, e agradável, das que Deus sabe nos proporcionar no seu infinito amor.

Foram três anos de intensa preparação; a Igreja toda fervia, as tensões eram candentes e cada qual puxava para seu lado, quer os que queriam novidades, quer os que as recebiam... E o Papa a dizer que seria um concílio pastoral, que devia ir ao encontro dos homens lá onde eles se encontravam, no meio de suas dificuldades, carregando com seus anseios, procurando, junto com eles, as respostas a suas perguntas mais vivas....

Eu estava no fim de meu curso de liceu e filosofia. Quando em 11 de Outubro de '62 o Concílio se abriu, já estava no meu curso de teologia. Acompanhámos o acontecimento com grande esperança. As dificuldades apareceram logo: a máquina precisava de rodagem...

O primeiro assunto a ser debatido foi o da liturgia. Já chegava de liturgias numa língua incompreensível a quase todos, com o padre de costas viradas à assembleia... Já eram muitos os esforços que se faziam para conseguir que os cristãos pudessem não só "assistir" à Missa (que parecia ser só coisa do padre), mas sim "participar" dela; mas não era suficiente: era preciso revirar um bocado tudo... e foi uma autêntica revolução! Custou aplicar a reforma, e como custou! Lembremo-nos das resistências de muitos padres e fiéis, idosos e não; lembro-me da resistência de liturgistas e de artistas que diziam que não era possível deixar cair no esquecimento autênticos tesouros de tradição litúrgica e de arte musical, expressão da fé de inúmeras gerações de cristãos.... Mas o caminho continuou.

E continuou apesar de o Papa do Concílio ter morrido. Sucedeu-lhe Paulo VI, que fora meu Bispo, apaixonado pela Igreja. Imprimiu ao Concílio o rumo certo, colocando a Igreja diante dos homens como "Luz das nações" porque rosto de Cristo. Foi a descoberta fundamental do Concílio, o princípio que lhe deu sua unidade profunda.

A Igreja adquiriu mais esplendor ao ser compreendida já não como Hierarquia (os que mandam) e como fiéis (os que obedecem), mas sim como Povo de Deus em que todos, com igual dignidade, partilham vida, fé, esperança, amor, missão, cada qual conforme o dom recebido e todos em harmonia e servindo uns aos outros, sem distinção.

E apareceu a "Igreja diante do mundo de hoje", como sinal e sacramento de "alegria e esperança" que Deus quis dar ao homem, num dos documentos mais belos e ainda agora mais actuais do Concílio todo, onde o homem é enaltecido na luz de Deus, objecto do Seu amor como pessoa, como família, como comunidade, como povo, como nação. Da comissão que preparou este documento fazia parte o então Bispo de Cracóvia, Dom Karol Wojtyła, o actual Papa João Paulo II.

O Concílio acabou em 8 de Dezembro de 1965 e eu era já padre. Em 68 cheguei a Guiné, imbuído dos ideais absorvidos ao longo daqueles anos, com mais duas "ferramentas": a Palavra de Deus assim como apresentada no documento do Concílio ("Dei Verbum") que lhe diz respeito e o caminho da evangelização, magistralmente apresentado no decreto sobre a actividade missionária, "Ad Gentes".

A Guiné já tinha dado uns passos no sentido indicado pelo Concílio: por exemplo já a Missa era rezada em frente da assembleia e não em Latim, mas sim em Português. Os cânticos eram ainda em latim e Português. Já era alguma coisa, mas não adiantava muito. E começou-se a fazer cânticos em língua, no meu caso em Felup, e eram os primeiros. Já havia catecismos em Kriol, algo em Balanta e em Felup. Intensificámos as traduções. Em Suzana, depois dos Baptizados de 69, passámos a traduzir a liturgia: o povo devia participar e como podia se nem o Kriol entendia?

O então Prefeito Apostólico, dada a situação política, não podia encorajar abertamente, mas deu contudo prova de grande abertura: posso testemunhar do apoio que sempre nos deu, em particular. Chegaram outros padres, que reforçaram o trabalho de traduções da Palavra de Deus e da Liturgia.

Mas nem as traduções podiam ser suficientes sem uma renovação profunda da catequese: não adianta nada rezar e cantar na própria língua se não se assume "participar" no sentido profundo, teológico e pessoal, fazendo e sentindo-se parte de uma verdadeira "Assembleia litúrgica", onde cada um assume seu papel e o cumpre da melhor maneira, sem se substituir a outros.

Para tal era precisa uma catequese renovada sobre a Igreja. E em Janeiro de 1972, como aplicação dos documentos do Concílio, veio aquilo que num certo sentido sintetiza fé, catequese, ideia de Igreja como Povo de Deus e sua vivência: o Ritual do Baptismo dos Adultos. A Igreja colocava em nossas mãos um instrumento privilegiado de actuação pastoral e missionária.

Foram precisos muitos anos, talvez demais; foi preciso que nascesse a Diocese em 1977 para que os agentes da pastoral, a começar pelos padres e irmãs que até então ainda vinham todos de fora, comesçassem a se encontrar e a tentar caminhar juntos para que na Guiné também a Igreja se tornasse o Povo de Deus em que o Concílio falou.

Começaram os cursos de formação para catequistas, a nível diocesano, de 78 para diante, em vista de termos não só uma catequese renovada, mas também um núcleo de leigos formados, fermento do Povo de Deus.

Começou-se a instituir os organismos que o Concílio indicou, o Conselho Presbiteral, ainda não o Pastoral, a espera que crescesse um laicato formado e activo.

Vieram os anos da pesquisa para conseguirmos ter umas Linhas comuns de Pastoral, de 84 a 87. Foram anos em que o trabalho de pesquisa e reflexão ferveu nas missões todas e nos Sectores Pastorais, criados ao longo daqueles mesmos anos.

O resto é história recente, que todos conhecemos: as Assembleias diocesanas, o Projecto Pastoral Diocesano e seus objectivos, a forma mais tipicamente africana e inculturada de entender a Igreja, Povo de Deus, como um conjunto de famílias, como a Família de Deus, que o Sínodo para a África nos ofereceu....

Acho que, quarenta anos depois do Concílio, devemos agradecer a Deus do fundo do nosso coração pelo trabalho que o Espírito Santo fez e está a fazer na Igreja de Deus, cá na Guiné também. Mas também devemos tomar consciência do que ainda falta actuar, das nossas hesitações, das nossas "preguiças", do nosso medo de "perder" determinadas tradições ou supostos "tesouros"....

Ainda falta aproximar a Palavra de Deus a todas as pessoas, alfabetizadas e não. Não é por acaso que os Padres do Sínodo para a África na sua Mensagem final, se fizeram eco do Concílio e solicitaram que a Palavra de Deus seja traduzida em "todas" as línguas faladas no continente africano....

E que dizer da Liturgia? Em que medida as nossas assembleias litúrgicas podem se tornar mais "assembleias" e mais "litúrgicas", quer dizer que fazem existir num lugar concreto e definido a Igreja Corpo de Cristo que louva e agradece, fazendo-se cargo de toda a humanidade em sua volta, partilhando suas dores e alegria, e ao mesmo tempo anunciando-lhes Jesus Cristo Salvador presente no meio deles?

Estamos numa fase de reflexão sobre o caminho de preparação ao Baptismo, o tal Ritual do Baptismo dos Adultos. Quem nos solicitou foi o "Vade mécum" para a renovação da catequese, um documento dos Bispos das Conferências Episcopais da África Ocidental (Outro organismo nascido do Concílio...): queremos tomar este caminho como nolo indicou o Concílio? Solicita-nos a todos: Bispo, padres, irmãs, catequistas, padrinhos, comunidade inteira....

O caminho está aberto, é só nos metermos nele decididamente, para que a nossa Igreja, viva, presente através de seus membros em todos os cantos em que vivem os filhos da Guiné, das tabancas mais remotas até aos lugares em que se tomam as decisões para o futuro da nossa Nação, seja sinal vivo e compreensível, inculturado, de "alegria e de esperança" para todos os que nos rodeiam.